

Universidade Federal de Juiz de Fora

Gueise de Novaes Bergamaschine

Os prefácios das biografias de Pedro Calmon:
Compromisso com a verdade e o desafio de apresentar os mesmos personagens ao
longo do tempo

Juiz de Fora

2016

Gueise de Novaes Bergamaschine

OS PREFÁCIOS DE PEDRO CALMON:

Compromisso com a verdade e o desafio de apresentar os mesmos personagens ao longo do tempo

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal de
Juiz de Fora como requisito parcial para
obtenção do título de Bacharel em História

Orientador: Ronaldo Pereira de Jesus

Juiz de Fora

2016

Resumo

Este artigo busca uma aproximação com o fazer historiográfico de Pedro Calmon. Buscamos indícios de seu posicionamento historiográfico a partir do cotejamento entre suas próprias opiniões a respeito de sua prática historiográfica, obtidas através de sua autobiografia, e as opiniões dos estudiosos de sua obra. Além disso, analisamos os prefácios das biografias publicadas por ele para indicativos de seu posicionamento sobre questões cruciais como a busca pela verdade e a subjetividade do fazer historiográfico.

Palavras-chaves: Pedro Calmon; Historiografia, Prefácios.

The prefaces of Pedro Calmon:

Commitment to the truth and the challenge of presenting the same characters along the time.

Abstract

This article searches of an approximation with the Pedro Calmon's history making. We search for clues of his historiographical position. We do this comparing his own opinions about his work with the opinions of the studios. Moreover, we analyse the prefaces of the biographies he published searching for clues of his point of view about important subjects like the truth and subjectivity of history making.

Keywords: Pedro Calmon; Historiography; Prefaces.

Sumário

| | |
|---|----|
| Introdução..... | 4 |
| Pedro Calmon e a escrita da história..... | 5 |
| Os prefácios de Pedro Calmon..... | 9 |
| D. Pedro II: de Rei a servidor público..... | 12 |
| Casa da Torre: o sistema de forças..... | 13 |
| Explicação..... | 14 |
| Conclusão..... | 15 |
| Referências Bibliográficas..... | 17 |

Introdução

Alguns historiadores brasileiros têm chamado a atenção para o esquecimento que hoje acomete a obra de autores que, outrora, tiveram destacada importância. É o caso da historiadora Isabel Lustosa que, em uma reportagem publicada no caderno *Prosa e Verso* do jornal *O Globo*, defende que toda uma geração de historiadores ligados ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro teria sido menosprezada por ter sido associada a uma forma conservadora de se fazer história¹.

Autores com pontos de vista e abordagens muito distintas foram englobados pela expressão “historiadores conservadores” e debaixo dela teriam sido relegados ao esquecimento. As críticas feitas a esses autores pela historiografia marxista teriam feito com que contribuições importantes para a história fossem minimizadas. Recentemente a obra desses “historiadores conservadores” tem sido revisitada pela historiografia, mesmo que para isso, nas palavras de José Murilo de Carvalho em estudo sobre Oliveira Vianna, seja preciso descer “aos infernos” (CARVALHO, 1991: 83) onde os tais historiadores se encontram.

Pedro Calmon é um expoente da geração a qual se referiu Lustosa. Presidente do IHGB de 1968 até sua morte em 1985, tem seu nome fortemente vinculado à instituição. Se outrora Calmon teve suas obras publicadas em consecutivas edições e, se mais que isso, Calmon fora considerado por Gilberto Freire “seu grande mestre” (REIS, 2006: 34); hoje sua obra não goza do mesmo reconhecimento. Para José Carlos Reis, “Pedro Calmon, hoje pouco conhecido na universidade, pouco estudado e analisado, em sua época, gozava de muito prestígio acadêmico e político” (REIS, 2006: 33).

Nosso estudo pretende uma aproximação com Pedro Calmon, mas o enfoque que pretendemos dar não é na contribuição que sua obra possa trazer ou ter trazido para a história do Brasil, tema pelo qual Calmon parecia ter predileção. O que pretendemos, em um exercício de reflexão sobre o próprio fazer historiográfico, é uma aproximação com a concepção de escrita da história do autor. Durante o século XX,

¹ O artigo de Isabel Lustosa também é comentado por Nayara Galeno do Vale no artigo *Hélio Vianna e Pedro Calmon: identidade do historiador e embates em torno da escrita da História*, mas não se encontra mais disponível no site indicado pela autora.

esse momento de renovação da produção historiográfica e início da constituição de um campo científico da história do Brasil, os autores, de formação acadêmica normalmente bastante variada, costumavam usar seus prefácios para demarcar suas posições quanto à visão da história que propunham e o método que utilizavam.

Com base nas noções de Gérard Genette de que o paratexto é um “lugar de transação” entre o autor e o leitor, buscaremos nos prefácios de Calmon elementos indicativos de alterações na sua forma de ver e propor a história ao longo do tempo. Acreditamos que os prefácios possam refletir, em alguma medida, as profundas mudanças historiográficas ocorridas no século XX.

Em um primeiro momento, partindo de seus relatos autobiográficos contidos em *Memórias* (1995), livro póstumo e inacabado, analisaremos dois aspectos da escrita da história proposta por ele: sua atualização teórico-metodológica e sua perspectiva sociológica. Buscaremos também um paralelo com as análises dos estudiosos de Calmon para indicar os pontos de convergência e divergência entre a escrita da história de Calmon vista por ele mesmo e pelos outros. No segundo momento, partiremos dos prefácios de Pedro Calmon para prescutar as relações do autor com o conceito de verdade. É interessante perceber o esgarçamento desse conceito em sua obra a medida que o século XX avança.

Refletir sobre o fazer historiográfico de Pedro Calmon significa pensar sobre a disciplina histórica no século XX. Quais as possibilidades e alternativas para a categoria chamada por Raquel Glezer de “historiadores por vocação” (GLEZER, 1976 apud VALE, 2012, s. p.)? Ou seja, quais as possibilidades e alternativas para esses intelectuais que, mesmo com formação acadêmica em outras áreas do conhecimento se dispuseram a elaborar a história nacional? É sobre o fazer historiográfico de Pedro Calmon que nos debruçamos aqui, numa tentativa de contribuição para um olhar recente da historiografia que busca refletir sobre a sua própria prática.

Pedro Calmon e a escrita da história

Pedro Calmon nasceu em 1902. Nesse mesmo ano nasceram Fernand Braudel e Sérgio Buarque de Holanda. Talvez em nosso imaginário o trabalho de Calmon

pareça mais remoto que o trabalho de seus contemporâneos. Pode ter contribuído para isso o desprestígio em que caíram as obras dos historiadores ditos tradicionais ou conservadores, mas também pode ter contribuído seu estilo retórico, pouco comum na historiografia mais recente. No início de sua carreira o amigo Afrânio Peixoto teria lhe dito que “cortasse, restringisse, meditasse” (CALMON, 1995: 137). Em vão. Por mais que cortasse, sobrava. Sobre isso Calmon disse: “Desse defeito me tenho corrigido desde o começo e dele ainda me acusam” (CALMON, 1995: 269).

Se o estilo retórico atrapalhou na escrita da história, pode ter ajudado em outros setores. Calmon foi um orador de destaque. Além disso foi advogado, professor, deputado pela Bahia, diretor da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro e reitor da Universidade do Brasil durante dezoito anos. Também foi ministro da Educação no governo de Eurico Gaspar Dutra, membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro desde 1931 e membro da Academia Brasileira de Letras desde 1936. Tantas atribuições podem nos confundir e esconder o fato de que, talvez, Calmon tenha sido sobretudo historiador. Ou pelo menos era assim que se considerava.

Foi autor de vasta obra onde podemos destacar *História da Civilização Brasileira* (1933), *História Social do Brasil* (três volumes), *História do Brasil* (sete volumes) e as biografias de D. Pedro II e Castro Alves.

Sobre a atualização teórico-metodológica, pode nos dizer alguma coisa o encontro narrado por Calmon, entre ele e Capistrano de Abreu. Nas palavras de Calmon:

Foi a única vez que vi o grande historiador. Morava no porão da casa, paredes tomadas pelas estantes dos livros, entre dois pilares a rede cearense, junto o urinol tampado por um dicionário alemão. Cara larga, cabeça chata, barba de uma semana, em ceroulas, de pés descalços, enganchado na rede, pareceu-me a caricatura dele mesmo. Lera, disse-me, estendendo a mão volumosa, artigos meus; sabia que tentava escrever história do Brasil; mas não o fizesse (advertiu-me, sério) porque o trabalho preliminar consistiria em completar o seu, publicando as fontes inéditas. (CALMON, 1995: 156)

Calmon se alarmou com o ceticismo do historiador. Capistrano concebia uma “história irrealizável sem a documentação que lhe falta; como se fossem tarefas distintas, sintetizar o passado e analisar-lhe as provas” (CALMON, 1995: 156). Calmon relata que interrompeu Capistrano e disse-lhe que “Queria escrevê-la [...]

resumindo a investigação, mas alinhando os acontecimentos. Lembrei o autor francês que diz, há uma história para cada geração...” (CALMON, 1995: 157).

Capistrano não gostou. Mudaram de assunto. Após uma hora de diálogo Calmon partiu “decidido, mais do que nunca, a escrever a história: a que se processa nos cursos – e nos leva às academias” (CALMON, 1995: 157).

Tal episódio, além de nos dizer um pouco sobre as concepções da escrita da história dos dois historiadores, talvez possa nos dizer algo sobre as fontes teóricas de Calmon. Quem seria o autor francês citado por Calmon que preconizava “uma história para cada geração” em 1926?

O episódio, muito anterior ao *Apologia da História* de Marc Bloch (1949), e também anterior ao início da publicação da revista *Annales d'histoire économique et sociale* em 1929, pode nos levar a Henri Berr.

Em estudo sobre Henri Berr, Reis afirma que “a inovação em história efetivada pelos *Annales* foi percebida como necessária e formulada e proposta conscientemente pelo *esforço teórico* de Henri Berr” (REIS, 2010: 416). Teria sido ele o responsável pela primeira formulação da “história-problema”. Além disso, Reis também destaca suas contribuições ligadas à valorização da síntese, da interdisciplinaridade e a reação contra uma concepção que “confundia erudição e ciência” (REIS, 2010: 416).

Suas ideias e concepções eram divulgadas primeiramente através da *Révue de Synthèse Historique*, fundada por ele em 1900 e da qual teria se originado os *Annales*. Ele também foi o criador da coleção *l'Evolution de l'Humanité* em 1920 e autor da obra *A síntese em história* (1911).

A hipótese de que o “autor francês” citado por Calmon seja Henri Berr, pode nos levar a pensar na possibilidade de que Calmon tivesse, em 1926, acesso a uma das obras citadas acima. Na verdade, até mesmo antes disso, já que existe em *Memórias* (1995) uma citação nominal de Henri Berr datada de 1923. A confirmar essa hipótese, o episódio do encontro com Capistrano pode indicar a atualização teórico-metodológica de Calmon que parece ter contato com importantes princípios da “nova história” já na década de 1920.

Eliana de Freitas Dutra destaca que Oliveira Viana cita Lucien Febvre e busca sua autoridade em seus prefácios da *Evolução do Povo Brasileiro*, publicados pela Brasiliense na década de 1930. Para Dutra tal invocação seria o “sinal claro de que não lhe era estranha a nova cultura que se forjava nos domínios da historiografia” (DUTRA, 2013: 59). Alguns relatos de *Memórias* (1995) sugerem que a afirmação de Freitas seria válida também para Pedro Calmon e com uma década de antecipação.

Vavy Pacheco Borges também destaca o “exemplo de erudição e atualização teórico-metodológica” (BORGES, 2014: 171) da apresentação de Pedro Calmon para “*História do Brasil*”. No entanto afirma que, no que diz respeito às interpretações do autor contidas na obra, elas não diferiam da “interpretação oficial da época” (BORGES, 2014: 171).

A aproximação de Calmon com a “nova história” também pode ser notada através de outro aspecto de sua escrita: sua perspectiva sociológica. Essa perspectiva foi defendida por ele em artigos de jornal, revistas e principalmente nos seus prefácios. Calmon parece atribuir à sua escrita da história um aspecto inovador no que diz respeito a isso. De certa forma ele aproxima sua abordagem da de Gilberto Freire (posição aparentemente corroborada por Freire) e ainda atribui a si mesmo a precedência.

Ele diz que “ignorava o que na Universidade de Columbia estudava por esse tempo (com Franz Boas) o nosso Gilberto Freire” (CALMON, 1995: 192). Ainda assim, Calmon teria, em artigo publicado em 18 de agosto de 1931 no *Jornal Acadêmico*, antecipado a abordagem de Freire. Nas palavras de Calmon: “Preconizei-o, sim, tachando de ‘erro deplorável de método’ a maneira atual de fazer História” (CALMON, 1995: 192).

Segue parte da elaboração teórica de Calmon publicada pela *Jornal Acadêmico*:

Sem a antropogeografia, sem a antropologia, sem a economia, sem o exame das manifestações artísticas e literárias, sem a apreciação do ‘espírito’, em suma, não estudaremos a história do Brasil que nos interessa, senão o calendário ou a tábua histórica, que interessa muito menos. [...] Civilização integral. Valor humano. Espiritualidade. Nacionalização. Ciência. O problema assim colocado tem para a cultura moderna atrativos e seduções. A nova história será essa. A fisionomia do Brasil. Não mais a caricatura do Brasil. O seu retrato (CALMON, 1995: 192).

Parece que foi em “*O Espírito da sociedade colonial*” que Calmon melhor colocou em prática sua nova abordagem. Em artigo publicado pela Revista *Fon-Fon* em 1935, comparando a abordagem dessa obra com a de *História da Civilização Brasileira*, Calmon explica:

Na *História da Civilização Brasileira*, fizemos a síntese da evolução brasileira. Agora, em diverso plano de verificações históricas, estudamos os principais aspectos da formação nacional. [...] Traçando, com uma discreta intenção didática, os quadros originais desse passado, sacrificamos às linhas gerais o pormenor, aos símbolos a forma, ao conjunto as particularidades[...]São as origens do Brasil que descrevemos: com a preocupação da verdade, a crítica das fontes, a avaliação e a comparação dos fatos, a curiosidade dos movimentos e a explicação das forças: o espírito da sociedade colonial. Finaliza o presente volume um largo capítulo de impressões de viagem: foi quando abandonamos a contribuição arquivista e livresca para ler a escrita de pedra dos monumentos religiosos de Minas Gerais (REVISTA FON-FON, 1935: 14)

Sem dúvida Calmon buscou por várias vezes que a história que escrevia fosse identificada com essa abordagem sociológica da qual se dizia mesmo um preconizador. Dutra vê nela uma das “marcas fortes” (DUTRA, 2013: 64) da história proposta por ele. Não só o *Jornal Acadêmico*, mas também o *Organum*, publicação do Instituto Lafayette, foram veículos de suas elaborações teóricas na década de 1930. Elas tinham a “pretensão do protesto contra o método enfadonho de recordar o tempo” (CALMON, 1995: 123). No entanto, apesar das elaborações teóricas e do nítido esforço de identificação do autor com essa abordagem sociológica, Dutra ressalta que na prática ela não se realizava plenamente.

A leitura de *Memórias* (1995), a avaliação das opiniões do autor sobre seu próprio fazer historiográfico e o cotejamento dessas opiniões com a visão de outros autores sobre a obra de Calmon pode mostrar o processo de alteração (amadurecimento talvez) vivido pelo autor no que diz respeito ao estilo, atualização teórica e concepção da escrita da história.

Os prefácios de Pedro Calmon

Em 1987 Gerard Genette publicou na França o livro *Seuils*, que só seria publicado no Brasil em 2007 com o título de *Paratextos Editoriais*. Na obra o autor

desenvolve conceitos que dizem respeito às práticas que acompanham a produção e recepção de um texto, contribuindo para que ele produza sentido.

Para Genette, seriam *paratextos* tudo “aquilo por meio de que um texto se torna livro e se propõe como tal a seus leitores, e de maneira mais geral ao público” (2009, p. 9 *apud* ARAÚJO, 2010, p. 1). Seriam paratextos os “títulos, subtítulos, intertítulos; prefácios, preâmbulos, apresentação, etc.; notas marginais, de rodapé, de fim; epígrafes; ilustrações; dedicatórias, tira, jaqueta [cobertura] e vários outros tipos de sinais acessórios, [...]”. (ARAÚJO, 2010, p. 2)

Nos interessa analisar os prefácios de Pedro Calmon como um espaço sistematicamente usado pelo autor para justificar e orientar a leitura de sua obra. Trabalharemos com os prefácios das biografias de D. Pedro II e Castro Alves escritas por Pedro Calmon, além dos prefácios da sua obra *História da Casa da Torre*, onde o autor trata da história da família Garcia d'Ávila. Os três temas foram revisitados algumas vezes por Pedro Calmon e nos prefácios dessas obras é possível verificar como se alteram, ao longo do tempo, as formas de se apresentar um mesmo personagem biografado. Por outro lado, se mantém e se reafirma o compromisso com a verdade.

Uma aproximação com a trajetória de Pedro Calmon nos revela um homem com boas relações e influente em diversos meios sociais. Além de deputado pelo Estado da Bahia e ministro da Educação do governo de Eurico Gaspar Dutra, Calmon se manteve, durante toda a vida, muito próximo a várias instituições ligadas ao saber e à cultura². Foi reitor da Universidade do Brasil durante dezoito anos, membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro desde 1931 e membro da Academia Brasileira de Letras desde 1936 (REIS, 2006, p. 33). Tinha participação ativa nessas instituições, muitas vezes ocupando cargos como o de orador e presidente. Além disso era membro correspondente da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Portuguesa da História. Isso tudo nos permite supor que Calmon não tivesse dificuldades de encontrar autores que se destacassem nos mais variados assuntos e que pudessem prefaciá-lo suas obras. No entanto, chama a atenção o fato de Calmon ter sido sempre, o prefaciador de sua obra.

² Para saber mais sobre as instituições às quais Pedro Calmon esteve ligado, consultar sua biografia no site do IHGB.

O fato de ser prefaciado por um autor de destaque faz com que o prefaciador possa “valorizar as qualidades do texto, apresentar seu autor à comunidade de leitores e justificar a sua importância diante da crítica” (VENANCIO, 2009, p. 175). Abdicando do prefácio como ferramenta de legitimação, Calmon parece ter optado por fazer do prefácio um espaço para apresentar sua obra e seus personagens, justificando e orientando sua leitura. Em alguns prólogos, como nos prólogos cervantinos, fica clara a característica do prólogo como espaço de transição entre o lugar da realidade e o da ficção. Nos prefácios de Calmon, nos parece sobressair o aspecto do prefácio como um lugar de diálogo ou de transação entre o autor e o leitor. Os prefácios de Calmon funcionariam então como um “lugar privilegiado de uma pragmática e de uma estratégia, de uma ação sobre o público” (GENETTE, 1987, p. 8 *apud* ARAÚJO, 2010, p. 3).

Calmon prescindia do prefaciador, mas raras vezes abriu mão do prefácio. Quase toda obra vinha acompanhada de um novo prefácio, ainda que se tratasse apenas de nova edição de obra anteriormente publicada. Os títulos faziam jus à concisão que Calmon quase sempre demonstrou nos prefácios: *Duas palavras* ou *Palavras Prévias*. Para explicar ao leitor a necessidade de um retorno a um tema que parecia resolvido em uma abordagem anterior, o prefácio sempre viria com o mesmo nome: *Explicação*.

E foram muitas “explicações”. Calmon gostava de voltar aos temas, dizia ser uma “reação honesta à imperfeição” (1995, p. 185). Depois de publicar *Vida e amores de Castro Alves* (s.d.), publicou *História de Castro Alves* (1947), e depois diz ter completado e resolvido as “obscuridades que ficaram” (CALMON, 1995, p. 185) com *A vida de Castro Alves* (1956). A biografia de D. Pedro II, *O Rei Filósofo* (1938), seria retomada aproximadamente quatro décadas depois e daria origem aos cinco volumes de *História de D. Pedro II* (1975). Com *História da Casa da Torre* (1939 e 1958) Calmon diz ter acontecido “processo semelhante” (CALMON, 1995, p. 185)³.

As novas abordagens não constituíam novas edições, revistas e alteradas, de uma obra anterior - exceção feita a *A vida de Castro Alves* (1956) que, embora alterada e com outro título, foi considerada segunda edição de *História de Castro Alves*

³ Para levantamento completo de toda a obra publicada por Pedro Calmon, incluindo todas as publicações nas áreas de direito, história, ficção, além de prefácios e participações em anais; consultar *Bibliografia de Pedro Calmon* de Plínio Doyle.

(1947). Eram de fato novas obras, em geral bastante ampliadas, que mereceram do autor novos títulos, novos prefácios ou novas “explicações”. Somente no caso de *História da Casa da Torre* (1939 e 1958) o título se manteve.

D. Pedro II: de rei a servidor público

Analisando os prefácios das duas biografias de D. Pedro II, publicadas com um intervalo de quase quatro décadas, fica evidente a diferença na forma como o autor apresenta o personagem biografado. No curto prefácio de *O rei filósofo* (1938), Calmon se refere a D. Pedro II como um “rei” (p. 13). Calmon chega a fazer uso de uma referência bíblica para se referir a D. João VI, D. Pedro I e D. Pedro II: “Guiados pela sua estrela, que os trouxe, e levou da América, passaram outrora os reis magos. Foram três!” (1938, p. 14)

Para Calmon os três reis haviam encarnado e aumentado o Brasil. E assim ele encerra o prefácio: “Encarnaram – no confuso período em que se elaborava o Estado, na gloriosa fase de sua fundação, no largo tempo da consolidação dele – o Brasil, que aumentaram” (CALMON, 1938, p. 14)

Passado o tempo, em *História de D. Pedro II* (1975) o prefácio já não é tão curto, mas os elogios a D. Pedro II ou ao seu reinado não encontram espaço. Palavras ambíguas descrevem o Segundo Reinado como “original, difuso, brasileiríssimo reinado de D. Pedro II” (CALMON, p. 20). O rei, apresentado no prefácio da biografia anterior como “um dos mais serenos e nobres espíritos do seu século” (CALMON, 1938, p. 13), é agora apresentado como “o mais silencioso e ativo servidor público que teve o Brasil” (CALMON, 1975, p. 19). Se manteve apenas a serenidade, representada agora no silêncio do imperador.

No prefácio de 1975 Calmon diz que o leitor perceberá melhor o personagem de D. Pedro II nas palavras de Machado de Assis em *Dom Casmurro*. No entanto, encerra seu prefácio com palavras suas que, sem qualificar ou adjetivar a importância de D. Pedro II, a reafirmam:

Vinha do Colégio Pedro II, ou de alguma das sociedades doulas a que pontualmente comparecia, para cobrar o exame, para presidir a sessão, para fiscalizar o concurso, para ouvir a conferência; obediente ao horário da lição como um professor honesto. Os transeuntes tiravam-lhe o chapéu; e acompanhavam com o olhar reverente a carruagem escoltada pelo piquete

pacífico. O seu nome envolvia o país, a época, o século. Foi o tempo de D. Pedro II (CALMON, 1975, 24).

Quanto ao compromisso com a verdade, estava presente e reafirmado nos dois prefácios. Mas aqui também se pode perceber a enorme diferença entre eles. Em *O rei filósofo* (1938) Calmon considerava já passado o tempo em que a “influência política” (p. 13) seria capaz de corromper a “arte de narrar” (p. 13). Para o autor, em 1938, a crônica já poderia “rasgar em pedras formas definitivas” (p. 13).

Em *História de D. Pedro II* (1975) a “verdade” (CALMON, 1938, p. 14) e as “formas definitivas” (CALMON, 1938, p. 13) são substituídas por um “sentimento de verdade” (CALMON, 1975, p. 19):

Essa dúvida – sobre quem realmente fosse, na intimidade e no governo [...] o mais silencioso e ativo servidor público que teve o Brasil – só a desvaneceria a consulta paciente aos arquivos. Na proporção em que se abrissem à investigação e se inspirasse esta no sentimento da verdade. A verdade é a justiça da história. Funda-se no documento. Para lá do documento, sim; contra o documento, nunca. (CALMON, 1975, p. 19)

No que nos parece uma alusão à subjetividade da história, a verdade agora era apenas “um sentimento de verdade” que estava fundada no documento, mas que podia estar além dele.

Casa da Torre: o sistema de forças

No prefácio de *História da casa da Torre* (1939) vemos a família Garcia d'Ávila sendo apresentada por Calmon como uma “estirpe poderosa” (s. p.) em cuja “cadeia rácica” (s. p.)

se percebe melhor a coesão das eras, a unidade consanguínea do Brasil que ajudaram a formar, construindo a sua casa patriarcal, devassando-lhe os sertões, alargando as suas fronteiras ou disciplinando a vida coletiva, sem esquecer as boas tradições do lar português, religioso, severo e sóbrio, que não perdeu, nos trópicos, nenhuma de suas características avoengas. (s. p.)

4

⁴ As citações referentes ao prefácio da edição de 1939 se encontram sem numeração de páginas por termos utilizado a reprodução desse prefácio que acompanha o prefácio da edição de 1958.

No prefácio de *História da Casa da Torre* (1958), edição que Calmon diz enriquecida por “pacientes pesquisas feitas nos arquivos de Portugal” (p. 3), o papel da família Garcia d’Ávila nos parece redimensionado e seu protagonismo menos evidente. Para o Calmon de 1958, a Casa da Torre e conseqüentemente a família Garcia d’Ávila continuam sendo o “eixo de um dos movimentos mais consideráveis de expansão e domínio nos dois primeiros séculos do Brasil” (p. 3), mas a Casa da Torre “incorpora-se no sistema de forças a que a nacionalidade deve a fisionomia e a existência” (p. 3).

A família que no prefácio de 1939 aparecia “disciplinando a vida coletiva” (CALMON, 1939, s. p.) aparece em 1958 inserida num “sistema de forças” (CALMON, 1958, p. 3). Podemos perceber aí um redimensionamento e uma nova perspectiva para o papel do colonizador?

Explicação

O compromisso com a verdade foi um tema recorrente nos prólogos de Pedro Calmon. Mais ainda nas sucessivas biografias de Castro Alves, onde Calmon parece se amparar nesse compromisso para justificar sua necessidade de retornar ao tema.

Em *Vida e amores de Castro Alves* (s. d.) é a “preocupação da verdade” (CALMON, p. 8) que legitima a obra. Se dirigindo diretamente ao leitor, Calmon diz: “Há nas páginas que ides ler – amável leitor – uma sincera e tranquila preocupação com a verdade. Valem por isso” (s. d., p. 8)

Quando volta a abordar o tema, em *História de Castro Alves* (1947), Calmon nos surpreende com seu prefácio.

Este livro é diferente dos outros livros que descrevem a vida fulgurante de Castro Alves. A sua originalidade consiste na verdade documental: é um retrato feito à luz nova – isto é, à velha luz própria – dos papéis, dos depoimentos, das notícias de imprensa, dos inéditos, que não sabemos se o melhoram ou enfeiam, porém que, decididamente, o esclarecem nos traços essenciais (p. 5).

Sua primeira obra sobre Castro Alves estaria incluída entre os livros que descrevem “a vida fulgurante” (CALMON, 1947, p. 5) do poeta e que não estariam

amparados na “verdade documental” (CALMON, 1947, p. 5)? Nesse caso, a “verdade” (CALMON, s. d., p. 8) da primeira biografia seria somente uma “preocupação”?

Mas Calmon ainda publicaria uma terceira obra sobre Castro Alves. Em *A vida de Castro Alves* (1956) Calmon diz que sua nova obra está tão ampliada que ele hesita em tratá-la apenas como uma segunda edição (p. 5). Mas justifica assim a necessidade de sua nova abordagem:

Correm esta sorte as biografias que, longe de imobilizarem nos rijos moldes de estátua, constituem o assunto predileto, severamente atualizado, de vários e sérios investigadores, a cujo estudo paciente a agudeza da crítica empresta os lampejos (CALMON, 1956, p. 5)

Calmon continua em tom de justificativa ou “explicação”: “O que importa (e afinal é a nossa intenção) é apresentar no seu nítido retrato humano – completado com a dimensão ideal do gênio [...] – o personagem no seu meio e no seu tempo. Quando possível, ele próprio” (1956, p. 5).

A verdade, após muita pesquisa e três biografias, havia se tornado apenas uma possibilidade. O seu personagem retratado seria, “quando possível” Castro Alves.

Conclusão

Os prefácios de Pedro Calmon foram espaços privilegiados para o autor apresentar sua obra, seus personagens, suas intenções e justificativas. Os prefácios de suas biografias, especificamente, permitem notar como a percepção de Calmon a respeito de seus biografados se alterou ao longo do tempo e das diversas biografias. Justificava a necessidade de novas abordagens com a existência de novas pesquisas e com o fato das biografias não estarem imobilizadas em “molde de estátua”.

No que diz respeito à relação do autor com a verdade, os prefácios demonstram como, ao longo do tempo, ela deixa o terreno das certezas passando a ser, ao invés de um compromisso, uma possibilidade.

Nos permitimos aqui uma última citação extraída do livro de memórias de Pedro Calmon publicado postumamente. Ela parece resumir e finalizar, com propriedade, todo a evolução da percepção do autor com relação à busca pela verdade histórica que pudemos notar na análise dos prefácios; e por isso os corrobora:

Encare-se o retorno ao tema (a regra é dele fugirmos) como a reação honesta à imperfeição, em busca do ideal que me domina hoje de dizer sobre a dúvida histórica a última palavra, perdoável utopia, pois ninguém a diz. A palavra nova, eis o essencial. (CALMON, 1995, p. 185)

Esse artigo, embora opte por não abordar alguns valores importantes da obra de Calmon, destaca aspectos relevantes da escrita da história proposta por ele. Nos parece que a denominação de historiadores tradicionais ou conservadores pode encobrir o caráter renovador ou original que esses historiadores possam ter tido em diferentes aspectos e momentos da história. Lúcia Paschoal Guimarães destaca que no Congresso Internacional de História da América realizado em 1922, o jovem Pedro Calmon, então com apenas 19 anos, teria sido o único historiador brasileiro a aventurar-se a “estabelecer articulações entre a história pátria e a da América” (GUIMARÃES, 1997: 224). O afastamento de denominações generalistas e a aproximação com a obra do autor e sua concepção de escrita da história deve permitir uma melhor leitura das biografias escritas por ele. Nos parece estar certo José Murilo de Carvalho ao pretender fazer a Oliveira Viana, no inferno, uma visita que não fosse “amigável”, mas que deveria ser “desarmada” (CARVALHO, 1991: 83).

Referências Bibliográficas

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Biografia de Pedro Calmon*. Disponível em: <
<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm%3Fsid%3D193/biografia>
 > Acesso em 23/09/2016.

ARAÚJO, Rodrigo da Costa. De textos e de paratextos. *Revista Palimpsesto*, n. 10, ano 9, p. 1-5, 2010.

BARMAN, Roderick J. *Imperador Cidadão*. São Paulo: Unesp, 2012.

BORGES, Vavy Pacheco. Anos trinta e política: história e historiografia. In: FREITAS, Marco César de (Org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

CALMON, Pedro. *A vida de Castro Alves*. 2 ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1956.

CALMON, Pedro. *História da Casa da Torre*. 2 ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1958.

CALMON, Pedro. *História da Casa da Torre*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1939.

CALMON, Pedro. *História de Castro Alves*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1947.

CALMON, Pedro. *História de D. Pedro II*. 5v. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

CALMON, Pedro. *Memórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

CALMON, Pedro. *O Rei Filósofo: vida de D. Pedro II*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1975.

CALMON, Pedro. *O Rei Filósofo: vida de D. Pedro II*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.

CALMON, Pedro. *Vida e amores de Castro Alves*. 2 ed. Rio de Janeiro: A Noite Editora, s. d.

CARVALHO, José Murilo de D. João e as histórias dos Brasis. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 28, n. 56, p. 551-572, 2008.

CARVALHO, José Murilo de. *D. Pedro II: ser ou não ser*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CARVALHO, José Murilo de. História intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura. *Revista Topoi*, n.1, p. 123-152.

CARVALHO, José Murilo. A utopia de Oliveira Vianna. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.4, n.7, p. 82-99, 1991.

DOYLE, Plínio. Bibliografia de Pedro Calmon. *RIHGB*, Rio de Janeiro, n. 351, abr./jun., p. 585-614, 1986.

DUTRA, Eliana de Freitas. História e historiadores na Coleção Brasileira: o presentismo como perspectiva? In: DUTRA, Eliana de Freitas. *O Brasil em Dois Tempos: história, pensamento social e tempo presente*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

ESCRITORES E LIVROS. *Revista Fon-Fon*, n. 14, 06 de abril, p. 14, 1935.

GLEZER, Raquel. O fazer e o saber na obra de José Honório Rodrigues: um modelo de análise historiográfica. Tese (Doutorado em História). Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo: São Paulo, 1976.

GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal. Um olhar sobre o Continente: o Instituto Histórico Geográfico Brasileiro e o Congresso Internacional de História da América. *Revista Estudos Históricos*, n. 20, p. 217-229, 1997.

JANOTTI, Maria de Lourdes Monaco. O diálogo convergente: políticos e historiadores no início da República. In: FREITAS, Marco César de (Org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

KONDER, Leandro. História dos Intelectuais nos anos cinquenta. In: FREITAS, Marco César de (Org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

MICELI, Paulo. Sobre história, Braudel e os vaga-lumes. A Escola dos *Annales* e o Brasil (ou vice-versa). In: FREITAS, Marco César de (Org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

OLIVEIRA, Maria da Glória de. *Escrever vidas, narrar a história: a biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista*. Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS, 2009. 218 p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil: de Calmon a Bonfim*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

REIS, José Carlos. Berr, Erudição, filosofia da história e síntese. In: MALERBA, Jurandir (Org.). *Lições de história: O caminho da ciência no longo século XIX*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

VALE, Nayara Galeno do. Hélio Vianna e Pedro Calmon: identidade do historiador e embates em torno na escrita da História do Brasil. In: Simpósio Nacional de História, 27,2013, Natal.

VENANCIO, Giselle Martins. A utopia do diálogo: os prefácios de Vianna e a construção de si na obra publicada. In: GOMES, Angela de Castro; SCHMIDT, Benito Bisso (Org.). *Memórias e narrativas autobiográficas*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009

WEHLING, Arno. A história em Pedro Calmon – uma perspectiva historista na historiografia brasileira. *RIHGB*, Rio de Janeiro, n. 404, jul./set., p. 605-612, 1999.